

Aécio é cotado à sucessão de FHC entre os tucanos

Anamaria Rossi
de Brasília

Ao sentar, amanhã, na cadeira do presidente da República, que ocupará até a próxima quinta-feira, o presidente da Câmara, deputado Aécio Neves (PSDB-MG), poderá dar um passo fundamental para se tornar uma opção de continuidade à aliança que governa o País. Aécio será presidente por três dias, durante a viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso e do vice, Marco Maciel, à Bolívia. Estará no gabinete onde seu avô Tancredo Neves não chegou a ocupar.

Coincidência ou não, Aécio segue o roteiro cumprido pelo falecido deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que se tornara o depositário das esperanças dos aliados graças a um perfil específico. Político jovem e arrojado, transitava com desenvoltura entre os líderes da oposição. Não por acaso, foi líder do PFL e presidente da Câmara, tornando-se peça fundamental para o governo no Legislativo. Conquistou a imagem de ótimo negociador.

Aécio é igualmente jovem. Aos 41 anos, está no quarto mandato parlamentar, foi líder do PSDB nos últimos quatro anos, sempre reconduzido por aclamação. Elegeu-se presidente da Câmara neste ano. Na bandeira de independência do Legislativo que empunhou durante sua campanha, a estrela foi a aprovação da emenda constitucional que limita a edição de medidas provisórias. Tarefa que parecia inexequível até a semana passada, quando — apoiado pelo líder do governo na Câmara, Arnaldo Madeira (PSDB-SP) — obteve excelente acordo entre governo e oposição. Nos seus bons relacionamentos figura até mesmo o governador Itamar Franco.

Luís Eduardo foi presidente da República algumas vezes. Aécio faz sua estréia pouco mais de três meses depois de conquistar a presidência da Câmara. Eleição para a qual contou com o trabalho incansável nos bastidores de integrantes do primeiro escalão do governo federal. O investimento do Planalto no deputado mineiro custou problemas com um de seus principais aliados, o PFL. Aécio é vis-

to pelos aliados como um bom nome para preencher o vácuo ocasionado pela morte prematura de Luís Eduardo. Seu nome é lembrado por alguns tucanos para disputar a sucessão de FHC — será lançado nesta semana por um senador tucano. Há poucos dias, confrontado com essa possibilidade, não se mostrou surpreso.

Mas Aécio tem mais

alguma coisa em comum com Luís Eduardo. É dono de um discurso modernizador, mas carrega na bagagem familiar forte tradição política. Se Luís Eduardo pertencia à linhagem do ex-senador Antonio Carlos Magalhães, um dos mais influentes políticos desde o regime militar, Aécio gaba-se da ascendência ligada à redemocratização.

É neto de Tancredo Neves, primeiro presidente civil depois da ditadura, que só não assumiu porque adoeceu na véspera da posse e morreu no hospital. Foi com Tancredo que deu seus primeiros passos na política. Aos 23 anos, era secretário particular do então governador mineiro. Dois anos depois foi escolhido pelo avô para a mesma função no Planalto.

Enquanto FHC e Marco Maciel estiverem tratando de importação do gás boliviano, Aécio pretende cumprir uma agenda modesta. Discretamente. Como convém a um mineiro.



Aécio Neves